

COCO DE DONA ZEFINHA: RESISTÊNCIA CULTURAL NO ALTO SERTÃO PARAIBANO

Daniel Everson da Silva Andrade

RESUMO

O artigo tem como objetivo publicizar a trajetória do projeto de extensão Coco de Dona Zefinha, desenvolvido no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – *Campus* Cajazeiras, que tem por objetivo formar novas plateias voltadas para o Coco. Através da literatura especializada buscamos conceituar o Coco, assim como catalogar os seus gêneros e os locais onde pode ser identificado na Paraíba. Por fim ressaltamos a importância do empoderamento da cultura popular pelos jovens em detrimento da cultura de massa.

Palavras-chave: Coco. Coco de Dona Zefinha. Cultura popular. Projeto de Extensão.

1 INTRODUÇÃO

O Coco é uma manifestação cultural afrodescendente que envolve o canto, a dança e a percussão. Há quem diga que é uma manifestação cultural nascida no estado de Alagoas (nordeste brasileiro), contudo não há, até o momento, nenhuma pesquisa que confirme essa teoria, uma vez que o Coco também é encontrado em Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. O que é fato são as fortes marcas culturais de raízes negras impressas no Coco (AYALA, 1999).

O Coco é destacado por Santana (2014, p. 27) como sendo “uma dança de roda ou de fileiras mistas onde há uma linha melódica cantada em solo pelo ‘tirador’ ou ‘conquista’, com refrão respondido pelos dançadores”. Essa ideia é confirmada pela definição posta no Dicionário Michaelis (2018): “[...] Tipo de dança de roda, geralmente com passo binário, cantada em coro que responde ao cantor, denominado coqueiro, e acompanhada por instrumentos de percussão; pagode, zambé, zambê [...]” (COCO... 2018).

Poderíamos nos estender buscando outras fontes que tratam sobre a origem e o conceito do Coco, mas seríamos deveras bastante prolixos, dessa forma, corroborando com o pensamento dos autores citados anteriormente podemos concluir que: o Coco é uma dança, um

ritmo, cantado e acompanhado por instrumentos de percussão (pandeiro, zabumba, ganzá, caixa, triângulo). Possui fortes raízes africanas, contudo não podemos afirmar, com certeza, em que estado do nordeste se deu a sua origem, apesar dos alagoanos reivindicarem sua gênese.

Há uma variedade de formas de dançar e cantar o Coco, que vai desde a influência do estado (Alagoas, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba) ao tipo de formação dos grupos e tipos de instrumentos utilizados para conduzir as variações rítmicas.

O Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira (2018) destaca os seguintes gêneros do coco: coco-de-amarração, coco-de-embolada, balamento e pagode. Todavia, ainda podemos destacar o Coco de Roda, Praieiro (AYALA, 1999), o Coco de Zambê (LINS, 2009), Curi-Mbó Tupinamba, Batuque africano-angolano, Coco de Ganzá, Mineiro Pau, (D'AMORIM; ARAÚJO, 2003).

Para Ayala (1999) pode-se encontrar múltiplas formas dessa manifestação cultural, com poéticas e ritmos distintos nos vários estados nordestinos.

2 O COCO NA PARAÍBA

Existem muitos dançadores e cantadores de Coco no Estado da Paraíba. A pesquisadora Ayala (1999, p. 239) catalogou alguns desses grupos nas seguintes localidades:

- Santa Luzia, Pilar, Utinga (Município de Mulungu);
- Guarabira, Vertente e Caiana dos Crioulos (Município de Alagoa Grande);
- Várzea Nova e Forte Velho (Município de Santa Rita);
- Bairros de Monte Castelo e Camalaú, Praia do Jacaré e Praia do Poço (Município de Cabedelo);
- Fagundes (Município de Lucena);
- Jacaré de São Domingos (próximo à Baía da Traição, Município de Rio Tinto);
- Praia de Jacumã e Gurugi (Município do Conde);
- João Pessoa (Torre, Bairro dos Novais, Alto do Céu, Porto de João Tota e Praia da Penha).

No estado da Paraíba o Coco pode ser identificado tanto em espaços urbanos como na zona rural, em locais como vila de pescadores, usinas, plantações de coco, em assentamentos de trabalhadores rurais, em comunidades quilombolas e em aldeias indígenas (AYALA, 1999).

Conforme o que consta na literatura a Paraíba não é diferente dos outros estados do Nordeste, dessa forma, a maioria dos dançantes, cantadores e mestres do Coco são trabalhadores rurais, pobres, negros ou descendentes de negros, muitos com idade bastante avançada Ayala (1999).

A cultura do coco de roda manteve-se viva por gerações, sendo que, na atualidade, diante da profusão de novas manifestações populares e midiáticas, com muita dificuldade, esta cultura vem lutando para continuar atuante, mesmo passando por sua pior fase, visto que seus componentes já estão idosos e a maioria dos jovens não sente interesse em dar continuidade a esta tradição. E os que sentem este desejo encontram barreiras em participar dos eventos do grupo, uma vez que os componentes mais antigos alegam que os jovens não sabem dançar. (SILVA, 2015, p. 3).

O coco na Paraíba foi reprimido durante o século XX e até hoje sofre preconceito por ser uma dança, uma música de minorias indígenas e negras com baixo poder aquisitivo e desprovidas, em grande maioria, de educação básica. (AYALA, 1999). Em pleno 2017 o Projeto de Extensão Coco de Dona Zefinha sofreu desse preconceito ao se apresentar no Festival de Cinema da cidade de Cajazeiras-PB e pejorativamente ser tratado pelo engenheiro de som como “grupo de macumbeiros”, quando a própria palavra “macumba” por si só já é usada pejorativamente para adjetivar de forma negativa os cultos afro-brasileiros.

Resistência parece ser uma palavra intrínseca quando falamos de cultura popular no Brasil. As rádios e a TV nos impõem uma cultura de massa com viés norte americano e europeu, que pouco tem haver, verdadeiramente, com a cultura popular brasileira. Relataremos a seguir nossa experiência com o Coco em Cajazeiras-PB, cidade do alto-sertão paraibano.

3 O COCO DE DONA ZEFINHA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Em outubro de 2016 sentimos uma necessidade de trabalhar com cultura popular especificamente com o “O coco” no IFPB – *Campus* Cajazeiras uma vez que não identificamos nenhum projeto de extensão dentro desta instituição, nem mesmo na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – *Campus* Cajazeiras, bem como, em outras instituições de ensino básico ou superior lotado na cidade que trabalhasse dentro dessa temática.

Sendo natural da Cidade de Recife, PE, onde pude participar de várias sambadas de Coco, durante as festividades juninas e carnavalescas, procurei trabalhar nesse projeto com uma mescla de Coco de roda e Coco praieiro. Assim sendo, nesse trabalho tivemos grande influência do grupo de Coco Raízes de Arcoverde e de Selma do Coco (ambos artistas pernambucanos).

Na execução desse projeto o nosso primeiro e maior desafio foi reunir jovens da comunidade interna e externa ao *Campus* IFPB/CZ dispostos a trabalhar com o Coco. Outro desafio foi ensinar os alunos a tocar instrumentos de percussão, compor e cantar.

4 METODOLOGIA

A priori realizamos uma ampla divulgação através de redes sociais e cartazes convidando a comunidade a participar de uma roda de discussão sobre o Coco, que foi realizada na Biblioteca Prof. Ribamar da Silva no IFPB/CZ em outubro de 2016. A roda de discussão foi dividida em dois momentos. Primeiramente perguntamos aos participantes se eles sabiam o que era o Coco, apenas um dos participantes sinalizou positivamente, dessa forma nos apoiando no livro *Do lundu ao samba de roda: caminhos do Coco*, das autoras D’Amorim e Dinhalva, fizemos uma breve explanação sobre o Coco de Roda. Em seguida provocamos os participantes para que falassem sobre os motivos que os fizeram participar de uma roda de conversa que tratava de um assunto, praticamente, inédito para a maioria deles. Obtivemos as seguintes respostas: curiosidade, vontade de aprender a tocar um instrumento de percussão, aprender mais sobre a cultura popular. Finalizamos o primeiro encontro com o agendamento de uma data para a realização dos testes de aptidão musical.

Os remanescentes da roda de conversa que compareceram a primeira atividade puderam conhecer os instrumentos de percussão que seriam utilizados no Coco de Dona Zefinha, assim como foram submetidos a avaliações informais de aptidão musical. Foram avaliados os

seguintes aspectos: ritmo, criatividade e afinação. Primeiramente os participantes foram convidados a escolher um dos instrumentos disponibilizados para o teste: surdo, ganzá, Pandeiro triângulo e Palma de mão (instrumento artesanal confeccionado especialmente para o Coco de Dona Zefinha).



Imagem 1 – Instrumentos utilizados no teste. Fonte: coordenador do grupo

Também realizamos testes informais de canto visando o mínimo de afinação. A partir dos testes, que foram realizados no auditório do *Campus Cajazeiras*, selecionamos os candidatos, que além de aptidão musical e criatividade, dispunham de tempo livre para ensaios e viagens.

Foi decidido em grupo que ensaiaríamos todas as quartas no auditório do *Campus Cajazeiras*. Primeiramente ensaiamos as canções, com acompanhamento do pandeiro, e posteriormente com todo o grupo. Após mais de seis meses de ensaios, entre outubro de 2016 e junho de 2017, o grupo estava apto a realizar apresentações para o público em geral.

5 APRESENTAÇÕES: O PROJETO NA PRÁTICA

Após ensaios semanais que se estenderam de setembro de 2016 até junho de 2017, a convite da UFCG/CZ, no dia 19/07/2017 realizamos a apresentação de estreia do Projeto de Extensão Coco de Dona Zefinha que aconteceu no Núcleo de Extensão Cultural da UFCG/CZ (NEC), onde também pudemos presenciar a apresentação de Vó Mera uma das cantadoras de Coco mais antigas da Paraíba.



Imagem 2 – Apresentação do Coco de Dona Zefinha no NEC/UFCG. Fonte: Lidiane Silva

Os integrantes do Coco de Dona Zefinha participaram do Encontro de Extensão do IFPB (ENEX), que ocorreu nos dias 23, 24 e 25 de agosto de 2017 nas cidades de Cabedelo-PB e Lucena-PB, permanecemos durante dois dias em uma unidade de vivência com a Mestre Têca do Coco (Cabedelo-PB). Participamos de rodas de conversa, e no último dia tivemos o prazer de assistir uma apresentação do grupo da Mestre Têca do Coco e do Coco e Ciranda do Mestre Benedito, essa vivência possibilitou a troca e construção de saberes e compartilhamento de experiências.

Ainda em agosto de 2017 foi realizado uma apresentação do Coco de Dona Zefinha em praça pública no encerramento do I Cine Açude Grande: Festival de Cinema de Cajazeiras.

Em outubro de 2017 o grupo se apresentou no encerramento da IX Semana Nacional de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Em novembro se apresentou na 41ª Reunião dos Dirigentes das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica (REDITEC), que aconteceu no Centro de Convenções de João Pessoa durante os dias 20 a 23 de novembro de 2017.

Atualmente o grupo Coco de Dona Zefinha conta com a seguinte composição: Daniel Everson da Silva Andrade servidor técnico administrativo do IFPB/CZ (Coordenador), toca pandeiro e canta; Eduardo José Soares Pereira, vocais e ganzá; Izaquiel Canuto da Silva, que

toca palma de mão, ganzá e canta; Jackson Benício de Souza Luna, vocais; Gabriel França do Nascimento, toca zabumba e surdo (ambos estudantes IFPB/CZ) e Ana Waleska de Souza Rodrigues, vocais, esta estudante da UFCG/CZ.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trata-se de um desafio incalculável fomentar um novo grupo de Coco, formado por jovens estudantes, quando lemos relatos de mestres da cultura popular nos dizendo que devido ao preconceito os jovens não querem mais dançar nem tocar coco de roda, muitas vezes participando apenas quando há uma contrapartida financeira, como nos relatou a Mestra Têca do Coco no Enex 2017. Fato que já havia sido relatado por Ayala (1999, p. 246), em seu texto “Os cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX”

Dançadores e cantadores revelam-se magoados por presenciarem a perda de interesse pela dança, tanto pelos mais velhos, quanto pelos jovens. A dança muitas vezes é depreciada por quem não integra o conjunto de dançadores e cantadores sendo considerada atividade de "preto velho, sem vergonha, pobre e cachaceiro". Por isso, várias pessoas que apreciam a dança e o canto afastam-se da manifestação com medo da discriminação

Os meios de comunicação que funcionam mediante concessões públicas estão cada vez mais interessados apenas em lucrar pondo de lado tudo aquilo que não se enquadra em suas ideologias capitalistas, e ao invés de vincularem nas rádios e nas TVs informações que empoderem a cultura popular manipulam a audiência com uma cultura de massa ofertada a miúdo (AYALA, 1999). Por isso se faz tão importante a interiorização de Instituições como o IFPB que tem entre suas ações institucional contribuir para desenvolvimento cultural,

Por fim, nosso objetivo com o esse projeto é manter acesa a chama da cultura popular especificamente “O coco” manifestação cultural genuinamente nordestina; formar novas plateias a cada apresentação e lutar pela valorização da cultura popular junto à sociedade em detrimento da cultura de massa.

OCO DE DONA ZEFINHA: CULTURAL RESISTANCE IN THE HIGH SERTÃO PARAIBANO

ABSTRACT

The article aims to publicize the trajectory of the Coco de Dona Zefinha extension project, developed at IFPB *Campus* Cajazeiras, which aims to form new audiences focused on Coco. Through the specialized literature we seek to conceptualize the Coco, as well as to catalog their genera and the places where it can be identified in Paraíba. Finally, we emphasize the importance of the empowerment of popular culture by young people to the detriment of mass culture.

keywords: Coco. Coco de Dona Zefinha. Popular culture. Extension Projects.

REFERÊNCIAS

AYALA, Maria Ignez Novais. Os cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 35, 1999. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/revista/edicoes>>. Acesso: 16 jan. 2018.

COCO. In: DICIONÁRIO Michaelis on-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

D'AMORIM, Elvira; ARAÚJO, Dinalva. **Do lundu ao samba: pelos caminhos do Coco**. João Pessoa: Idéia, 2003. 141 p. ISBN: 8575390880.

LINS, Cyro H. de Almeida. **O Zambê é a nossa cultura: o coco de zambê e a emergência étnica em Sibaúma, Timbau do Sul - RN**. Natal, 2009. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/12260/1/CyroHA.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

SANTANA, Lúcia de Fátima. **Identidade quilombola: uma socialização de experiências vivenciadas por uma moradora da comunidade quilombola de Alagoa grande PB**. Guarabira: 2014. Trabalho de Conclusão de Curso ((Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

SILVA, Givanilda Gomes da. A importância do coco de roda na história de um povo: projeto coco de roda encontro de gerações na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Forte Velho / Santa Rita/PB. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2015, Campina Grande – PB. **Anais...** Campina Grande/PB, 14 a 17 de outubro de 2015. Disponível em: <www.editorarealize.com.br/.../_020820151...>. Acesso em: 16 jan. 2018.

TESAURO de Folclore e Cultura Popular Brasileira on-line. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000072.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2018.